

ANTECEDENTES INDÍGENAS: PROBLEMÁTICAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS DAS SÍNTESES SOBRE A PRÉ-HISTÓRIA REGIONAL

Arno Alvarez Kern*

KERN, A.A. Antecedentes Indígenas: problemáticas teórico-metodológicas das sínteses sobre a pré-história regional. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 8: 15-24, 1998.

RESUMO: Uma síntese de pré-história regional deve ser estabelecida a partir das informações arqueológicas organizadas em um quadro espaço-temporal. Devem ser destacados não apenas os dados obtidos a partir da análise dos vestígios materiais em presença nos sítios, mas igualmente reconstituídos os momentos de transição das paleopaisagens e das culturas. Os padrões de subsistência, a exploração das fontes de matéria prima, as tipologias dos artefatos, os símbolos da arte, os processos adaptativos, integração e conflito, são alguns dos diversos aspectos que devem ser estudados, a partir de modelos que admitam múltiplas variáveis e uma causalidade múltipla. O necessário rigor conceitual e superação das interpretações simplistas, não impedem que inúmeros problemas de ordem teórico-metodológica sejam ainda de difícil solução, como se evidencia neste estudo.

UNITERMOS: Arqueologia pré-histórica – Síntese regional – Problemas teórico-metodológicos.

1. Introdução

A publicação do livro “Antecedentes Indígenas”¹ teve como objetivo a realização de uma síntese histórica sobre a temática do processo de povoamento indígena da região platina oriental. Esse imenso panorama de longa-duração está relacionado aos caçadores, coletores, pescadores e horticulto-

tores pré-históricos que se estabeleceram em meio às paleopaisagens em transformação, tendo como base os documentos e as informações arqueológicas e históricas existentes atualmente. As linhas gerais que guiaram este estudo foram a reconstituição de cada um dos grupos étnicos que se instalou nessa área, a partir do estudo dos seus padrões de subsistência, das fontes de matérias primas exploradas, das tipologias dos artefatos (líticos, ósseos, cerâmicos) que desenvolveram, das artes que elaboraram, das cronologias históricas conhecidas, dos processos adaptativos dos grupos pré-históricos com as paleopaisagens em mudança, das relações de conflito ou de integração com as outras etnias. As informações foram organizadas em um quadro

(*) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS.

(1) KERN, Arno Alvarez. *Antecedentes Indígenas* (Col. Síntese Riograndense vol. 16-17). Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1994. 142 p.

espaço-temporal, onde se destacaram os grandes momentos de transição, tanto das paleopaisagens como das culturas. A ocupação e o povoamento da região platina oriental foram explicadas, ao longo dos milênios, desde o momento que os primeiros caçadores aqui chegaram, até as investidas colonizadoras dos Guarani e dos povos ibéricos.

A realização desse estudo foi julgada necessária, principalmente tendo em vista o atual estado em que se encontram as pesquisas. A reconstituição deste longo processo histórico teve como ponto de partida o princípio de que este é um dos maiores objetivos da Arqueologia. As problemáticas teórico-metodológicas que se evidenciaram ao longo do trabalho, são as mesmas que emergem cada vez que encetarmos a tarefa de organizar sínteses regionais sobre a pré-história brasileira, seja na Região Sudeste, no Nordeste ou no Rio da Prata.

Esta análise permitiu, em um primeiro momento, um maior rigor conceitual, bem como a superação de algumas interpretações teóricas e de modelos que ainda estão sendo utilizados, apesar de ultrapassados. A interrelação e a contemporaneidade dos complexos processos das transformações ambientais, de desenvolvimento sociocultural e de caracterização das etnias em presença na história da região, tiveram que ser heurísticamente estudados e teoricamente reinterpretados, bem como as ações e reações que dialeticamente integram estes processos. Foram igualmente superados muitos conceitos ou repensados os paradigmas de referência e as relações de pertinência entre os conceitos e a realidade evidenciada. Este fato ocorre fundamentalmente pela dificuldade de se fortalecerem os dados arqueológicos a entrar em quadros de referência conceitual apriorísticos, sem que se leve em conta a sua pertinência e adequação. Isto nos dá hoje em dia a possibilidade de escrever com maior clareza novas páginas de nossa história, procurando superar as visões reducionistas ou simplesmente os preconceitos existentes. Não ignoramos, entretanto, as limitações do atual estágio em que se encontram as ciências da História e da Arqueologia, tendo em vista que trabalhamos apenas com amostras das informações arqueológicas e históricas possíveis, e com teorias e modelos que ainda estão sendo testados, adaptados ou substituídos por outros mais eficientes, na medida em que a pesquisa se desenvolve.

As sínteses diacrônicas globais são necessárias, como forma de levar à sociedade a memória

de seu passado histórico. Mesmo que restem ainda muitas etapas das pesquisas a serem realizadas, antes de uma versão ainda mais abrangente, esse estudo visa o resgate de uma memória histórica social. Ela é ainda desconhecida ou simplesmente por nós ignorada, propositadamente, como se tivéssemos que destacar apenas os atos e os fatos da sociedade branca, ocultando e desprezando a história milenar de outras etnias, como se ela não existisse. A síntese histórica aqui desenvolvida, teve a finalidade de sanar esta lacuna considerável em nossos conhecimentos. Os crimes que se realizaram no nosso passado histórico, como é o caso do genocídio de inúmeros grupos indígenas, ou os que se realizam ainda hoje contra algumas minorias e a grande maioria de nossa sociedade, sempre nos deixam com uma sensação de desconforto e de indignação. Muitas populações indígenas derrotadas ou perseguidas, foram aniquiladas fisicamente num genocídio imperdoável, por outros grupos indígenas ou pelos europeus. Nos nossos livros de História, frequentemente este fato é oculto ou ignorado. Entretanto, uma etnia não é composta apenas por grupos de indivíduos, mas igualmente pela tradição cultural que desenvolveu ao longo dos séculos. Quando grupos inteiros desaparecem da história, morrem juntamente com eles seus valores culturais, suas práticas sociais, seus padrões técnico-econômicos de desenvolvimento, suas formas de organização política, seus mitos e crenças, num etnocídio definitivo. Entretanto, isto nem sempre ocorreu. Muitas vezes as populações indígenas vencidas se miscigenaram aos vencedores e transmitiram a esses os seus padrões culturais, como ocorre em nossa sociedade. Se persiste atualmente um desconhecimento muito grande em relação às vicissitudes históricas dos grupos étnicos que colaboraram com nossa formação sócio-cultural, esperamos que este estudo possa minorar o problema.

2. Problemáticas

O povoamento pré-histórico tem uma trajetória de mais de três milhões de anos na face do planeta e apenas pouco mais de dez mil anos na região do Rio da Prata, segundo os registros atuais da documentação arqueológica. As venturas e as desventuras pelas quais passaram os grupos de caçadores-pescadores-coletores nos processos adaptativos realizados em cada uma das paleopaisagens em mu-

dança, os progressos técnico-econômicos desenvolvidos, as diversas formas de organização sócio-políticas criadas, as manifestações artísticas e religiosas imaginadas, as longas migrações realizadas, cheias de riscos e aventuras, são importantes capítulos desta história de longa duração. Foi Braudel quem afirmou ser a História a ciência que fundamentalmente analisa “a dialética da longa duração”. Isto é igualmente válido para as reconstituições arqueológicas do passado remoto, pois trabalhamos com as dinâmicas das interações entre os elementos relacionados às estruturas socioculturais, que perduram longamente no tempo.

São estas sínteses que nos fazem finalmente compreender as ações e as reações ocorridas nestes extensos e complexos processos históricos por que passam as sociedades e as culturas, durante séculos e milênios. Podemos observar um exemplo disso quando estudamos o povoamento das paisagens em que vivemos. Nos confrontos e nos encontros que aqui se estabelecem entre as sociedades indígenas de caçadores-pescadores-coletores com os grupos de horticultores, e finalmente destes com as sociedades européias, percebe-se a persistência de práticas e modos de vida prehistóricos e históricos mesclados. Nas comunidades indígenas coloniais americanas percebemos ainda as origens paleolíticas tradicionais e as modernizações neolíticas de suas culturas materiais. Podemos observar, por outro lado, a sobrevivência de antigos elementos greco-romano-feudais mesclados a padrões modernos emergentes, nas sociedades provenientes da Europa. Tradição e modernidade são portanto, termos que descrevem complexos de síntese e de exclusão cultural.

Os dados necessários à reconstituição dos processos históricos ao longo de períodos tão extensos e em paisagens tão diversificadas a nível continental, nos são evidenciados principalmente pelas descobertas arqueológicas mais recentes. São comprovados pelos novos métodos de datação absoluta e relativa. Foram essas datações que nos possibilitaram superar, desde os inícios desta segunda metade do século 20, as limitadas visões que até então vigoravam. Ultrapassamos assim, de maneira inexorável, a idéia que vigorou no passado de uma história local de poucos séculos de duração.

A área onde atualmente habitamos, ou seja, a bacia do rio da Prata oriental, está situada entre os vales dos rios Paraguai, Paraná, Uruguai e o oceano Atlântico. Abrange áreas muito afastadas entre si,

desde o Brasil central, passando pela região sudeste, até chegar ao sul. Nós não vemos esta imensa região como um ambiente distinto do restante da América do Sul apenas porque habitamos nela e a partir dela é que examinamos curiosamente o resto deste imenso continente. Já numa primeira observação, ainda muito geral, percebermos a oeste e a norte as imensas, extensas e contínuas paisagens das cadeias de montanhas dos Andes e da floresta tropical amazônica. A leste podemos olhar o horizonte longínquo e imutável do oceano Atlântico. É em relação a estas portentosas paisagens que a bacia do rio da Prata começa pouco a pouco a destacar-se.

Apesar de suas características de área de transição entre a zona tropical ao norte, as paisagens austrais da Patagônia ao sul e as cadeias de montanhas andinas a oeste, esta área tem mantido certas características durante os processos históricos que se desenvolveram ao longo do tempo. Em seus limites é que se situam as praias, as planícies, as colinas, os rios e os relevos tão familiares das paisagens onde vivemos. Essa pequena área periférica em relação ao conjunto da América do Sul, tem limites razoavelmente definidos. Ela é delineada ao sul e a oeste pelas extensões das paisagens abertas da Patagônia e do Chaco, bem como pelos imensos volumes de água dos maiores rios da região e seus afluentes (Paraná, Paraguai, Tietê, Iguaçu, Paranapanema e Uruguai) que descem lentamente para o largo estuário que denominamos de rio da Prata. São paisagens que não evitam os contatos socioculturais, ao mesmo tempo em que nos alertam para mudanças importantes que pouco a pouco se estabelecem em relação aos relevos, aos contingentes faunísticos e florísticos, bem como às novas condições climáticas. A leste, a imensa paisagem portentosa das massas de água do oceano Atlântico demarcam um limite que parece apenas ter sido ultrapassado muito recentemente. Para o norte, erguem-se os volumes e as enérgicas formas dos relevos dos planaltos do centro e do sul-brasileiro, ao mesmo tempo em que se instalam pouco a pouco as condições climáticas, florísticas e faunísticas dos trópicos. Essa imensa área tem mantido certos aspectos culturais comuns que somente hoje começamos a compreender em sua variedade e complexidade, devido aos contatos culturais diversificados ocorridos nas paisagens que a limitam.

As etnias que povoaram essas paisagens não têm um passado tão recente como se chegou a acre-

ditar. Ao longo das últimas décadas, as pesquisas têm descortinado uma história que não se insere mais nos estreitos limites que ainda hoje frequentemente são divulgados, mas sim em mais de doze milênios. Durante os trinta últimos anos, foram descobertos milhares de sítios arqueológicos, nos campos e nas florestas, em margens de rios e de lagoas, na planície costeira e nas encostas das serras. Os restos materiais de suas culturas terminaram originando centenas de sítios arqueológicos, que comprovam esta ocupação. Grupos variados de caçadores, coletores, pescadores e horticultores, pertencentes a sociedades e culturas indígenas muito distintas, estavam adaptados aos diversos ambientes que encontraram e ocupavam todas as paisagens desta imensa região platina.

A ocupação européia deu origem, por um lado, ao genocídio de centenas de indivíduos pertencentes a estes grupos indígenas. Por outro lado, teve início uma intensa miscigenação já nos momentos iniciais da conquista. Ocorreram igualmente transformações socioculturais importantes, tais como a influência cultural mútua, as aculturações forçadas e espontâneas, bem como as intensas alterações dos costumes tradicionais das diversas comunidades indígenas locais, num processo gradual de europeização. Os contatos estabelecidos deram origem também a uma série de influências das culturas indígenas sobre as novas sociedades emergentes que aqui se organizaram no período colonial. Uma significativa herança cultural e social aborígene tornou este novo mundo ibero-indígena distinto das metrópoles ibéricas. Resultantes dessas relações são, por exemplo, o uso, por parte da sociedade atual, da variada e abundante farmacopéia baseada em ervas nativas, assim como as inúmeras plantas domesticadas. Muitos padrões culturais regionais ainda persistem, tais como o mate e as boleadeiras, além, do extraordinário vocabulário tupiguarani, que distingue com diferentes matizes os nossos linguajares brasileiro e espanhol platinos dos idiomas falados na Espanha e em Portugal. Os contatos e os impactos resultantes dos confrontos interétnicos provocaram igualmente o lento e irreversível etnocídio de culturas aqui estabelecidas há milênios. Apresentar em uma síntese este processo histórico de longa duração, desde as suas origens pleistocênicas até o início da conquista ibérica, é o objetivo deste estudo recentemente publicado. Graças às novas descobertas que as pesquisas arqueológicas têm proporcionado, ele tem como meta desvelar um

passado por muito tempo oculto, ora sob as camadas de terra acumuladas pelos séculos sobre os sítios arqueológicos, ora sob o manto da nossa indiferença, ignorância e preconceito.

No momento em que nos decidimos reconstituir o povoamento de uma região, isto não pode nem deve significar a história de um dos países desta área, nem mesmo de uma das províncias ou um dos estados federados locais. Não podemos ignorar que estas abstrações administrativas são criações políticas relativamente recentes. Os limites atuais não correspondem nem mesmo a fronteiras naturais, como já se pretendeu, tendo sido contestadas a mão armada no passado. Lefebvre lembrou certa vez que as denominadas “fronteiras naturais” foram assim definidas, quando as sociedades em presença cansaram de empurrar os limites políticos de um lado para outro, ao longo da história, escolhendo finalmente alguns acidentes geográficos como balizas para seus tratados de limites. É muito comum, nos estudos atuais, as referências à Argentina, ao Uruguai, ao Paraguai, ao Brasil ou a algum dos estados da federação (como é o caso do Rio Grande do Sul), quando se trata da época colonial ou do passado pré-histórico. Entretanto, estas são apenas designações cômodas, mas impróprias, a territórios reconhecidos oficialmente como tal somente a partir do século XIX. No sul do Brasil, a única “história regional” que podemos escrever e interpretar com os dados de que dispomos, só pode referir-se necessariamente às paisagens do rio da Prata e a uma bacia hidrográfica platina na sua vertente atlântica.

Qual foi o papel da ciência arqueológica na reconstituição de um panorama histórico como este? Um número reduzido de arqueólogos argentinos, uruguaios e sul-brasileiros realizaram nos anos 60 e 70 um esforço muito grande para percorrer esta imensa área inserida na bacia do rio da Prata, e descobrir os locais onde se encontravam os sítios arqueológicos. Fizeram o levantamento topográfico e ambiental desses locais, coletaram na superfície ou escavaram em poços de sondagem amostras das culturas materiais remanescentes, compararam esses dados com os das regiões vizinhas, e reuniram importantes informações para os primeiros relatórios e publicações sobre o nosso passado arqueológico pré-histórico e colonial. A primeira etapa da pesquisa, que denominamos de “prospecção arqueológica”, estava então em andamento. Outros pesquisadores vieram somar-se a estes, nos anos

80, ampliando as áreas prospectadas. Iniciou-se, igualmente, uma segunda etapa da pesquisa, que é o estudo dos vestígios arqueológicos, realizado a partir de escavações arqueológicas mais amplas, assim como nas análises de laboratório detalhadas e precisas. As primeiras sínteses puderam então ser elaboradas, reunindo o conjunto dos dados em panoramas cronológicos sistematizados e tentando definir e conceituar os conjuntos de elementos das culturas materiais encontrados. Buscaram-se as informações históricas e etnográficas necessárias para a compreensão e a interpretação dos dados arqueológicos conhecidos.

3. Abordagens

Origens paleolíticas e os caçadores-coletores-pescadores

A primeira abordagem dessa complexa problemática que são as sínteses regionais, implica em estabelecer as grandes linhas do povoamento da região, inseridas nos quadros das migrações pré-históricas que ocuparam o planeta e, em particular, a América.

A gradual ocupação do continente americano se desenvolve no final da última glaciação e durante o início do Holoceno. Esse povoamento é realizado por grupos pré-históricos dotados de uma cultura material que é o prolongamento dos padrões culturais paleolíticos. Implementos líticos lascados (talhadeiras, lâminas bifaciais, facas, picões, bolas, pontas de projétil, furadores, raspadores, etc.) são encontrados nos sítios paleolíticos africanos, europeus e asiáticos. Recursos tecnológicos tais como o lascamento primário e secundário, lascamento bipolar, lascamento por pressão, retoques por percussão, etc., são conhecimentos que se evidenciam na cultura material encontrada nos sítios paleolíticos muito anteriores à ocupação pré-histórica de nossa região. O mesmo pode ser destacado em relação às manifestações artísticas e religiosas. Estas heranças culturais são destacadas com o objetivo de inserir as manifestações locais nos quadros mais amplos e complexos da pré-história da humanidade.

A aparência física dos primeiros povoadores é, ainda, a correspondente ao *Homo sapiens sapiens*. Ainda não foram encontrados os restos esqueléticos que possam indicar a existência de homens mais antigos. Ao contrário do que se popula-

rizou, as culturas materiais produzidas pelas populações que se estabeleceram na América do Sul, se integram muito bem à pré-história do resto do planeta. Migrando possivelmente ao longo das encostas dos Andes, ou através da planície amazônica então desprovida da atual vegetação florestal de grande porte e de milhares de espécies, os grupos de caçadores-coletores-pescadores se instalaram pouco a pouco nas paisagens atlânticas da bacia do rio da Prata. Este processo de instalação ocorre no momento em que esta região sofre o impacto das transformações ambientais do final da última glaciação.

Para uma análise mais completa, foram levados em conta os dados relativos às transformações das paleopaisagens, bem como aqueles relacionados aos elementos remanescentes das culturas materiais encontrados: indústrias líticas, ósseas, conchíferas, arte, cerâmica, etc.. Os dados foram organizados segundo variáveis temporais e espaciais. Neste momento da análise, tentou-se a definição sócio-cultural destes grupos, assim como explicitar o tipo de relações adaptativas dialéticas em relação aos ambientes passados. Procurou-se evidenciar a correlação existente entre os padrões de subsistência e o conjunto tecnopológico da cultura material, ou seja, o conhecimento técnico e os tipos de implementos produzidos. Desta maneira, foram estudados os caçadores-coletores instalados nas florestas subtropicais do planalto sul-brasileiro e em suas encostas, os pescadores-coletores marinhos que ocuparam o litoral atlântico e os caçadores-pescadores dos pampas platinos e dos campos do alto do planalto meridional.

O processo de neolitização e os horticultores aldeões

Numa segunda abordagem, estivemos interessados em explicitar o processo de neolitização regional. Isto significou estudar as modificações socio-culturais por que passaram as sociedades indígenas há mais de dois milênios, a organização social em aldeias, a produção artesanal da cerâmica, a domesticação de plantas nativas e a produção horticulora do cultivo.

Atualmente se conhece muito mais a respeito das imensas transformações que ocorreram nos inícios do Holoceno, com as pesquisas arqueológicas que se ampliaram no Oriente Próximo e na Europa, e que se iniciaram em outros continentes, como

é o caso da América. Sabemos com certeza que a Revolução Neolítica não foi nem “neolítica” nem uma “revolução”, porque as transformações denominadas de “neolíticas” são muito mais complexas do que se imaginava inicialmente. Em primeiro lugar, muitas das invenções atribuídas ao neolítico são anteriores: o polimento da pedra, os primeiros objetos em cerâmica e os primeiros animais domesticados, são conquistas culturais realizadas já no Paleolítico Superior. A domesticação das plantas se originou na coleta desenvolvida no Mesolítico, associada ao avanço tecnológico e às transformações ambientais pós-glaciares. Assim, as inovações técnicas deste momento da história foram paleolíticas e mesolíticas, tendo finalmente se popularizado no Neolítico. Por outro lado, ao contrário do que se pensou no passado, não existiu apenas um foco de transformações, no Oriente Próximo, mas diversos em todo o planeta, estando inclusive um deles situado na América. Mesmo nestes núcleos de invenção continua a ocorrer o que denominamos de “a contemporaneidade do não contemporâneo”, ou seja, a coexistência de grupos neolitizados total ou parcialmente, com outros que mantêm apesar de tudo as suas tradições milenares de caça-coleta-pesca.

Tende-se hoje a utilizar o termo “processo de neolitização” e sugerir modificações complexas ao longo do tempo, com variações culturais muito amplas e diversificadas em cada uma das áreas em que ocorreu. A domesticação das plantas foi uma decorrência de milênios de coletas de plantas selvagens. Na América, como podemos constatar das evidências atualmente conhecidas, as sociedades locais foram igualmente muito criativas, chegando mesmo a “inventar” o milho, uma planta inexistente em estado natural, tal como a vemos hoje. Inovações e influências culturais distintas em cada região, deram origem a processos de neolitização capazes de produzir diferentes técnicas de produzir o alimento. Na América, não foi igualmente um processo rápido e intenso, como geralmente é uma revolução, mas durou séculos, o que poderia justificar igualmente a utilização do conceito de “processo de neolitização”.

Superamos igualmente a hipótese que associava a agricultura à sedentarização, nos grupos denominados de “neolíticos”. Na América atlântica tropical ou subtropical, como sabemos, o cultivo de plantas domesticadas está associado ao semi-nomadismo das aldeias e ainda muito correlacionado

à caça, à pesca e à coleta. Por outro lado, o termo agricultura refere-se ao plantio (cultura) em campo aberto (agri). Esta técnica só foi conhecida após a invenção do arado nos momentos finais da Pré-História. Todos os grupos neolíticos apenas conheceram a horticultura, ou seja, o cultivo de plantas domesticadas em pequenas hortas, numa escala limitada, nas clareiras abertas nas florestas. O sistema de cultivo, posto em prática por grupos aldeões, tais como os Tupi e os Guaraní, caracteriza-se pela utilização de pequenas clareiras abertas pelos homens nas matas das várzeas dos rios. A finalidade é o plantio de plantas domesticadas. Na América, o cultivo parece ter sido realizado pelas mulheres. Limitado às hortas, em meio a clareiras, a variedade de plantas nativas domesticadas incluía o milho, a mandioca, o tabaco, as batatas, os feijões, os porongos, o algodão, o amendoim, etc.. Este sistema indígena de plantio, denominado de horticultura, não pode ser confundido com a agricultura de campo aberto e arado, introduzido pelos europeus na América apenas na época colonial.

A domesticação dos animais é conhecida igualmente desde o Paleolítico. Durante a última glaciação, na Europa, já se domesticara o cão e há evidências da domesticação do cavalo. Mais tarde, em muitas regiões do globo, domesticaram-se animais diferentes: o gado zebu na Índia, o camelo no Oriente Próximo, a lhama nos Andes, etc.. Abelhas, porcos, cabras, alpacas, vicunhas, dromedários, renas, galinhas, são alguns dos animais que as sociedades pré-históricas terminaram domesticando e colocando a seu serviço. A carne, as gorduras, os tendões, o leite, a manteiga, o queijo e o iogurte, foram produtos oriundos da domesticação dos animais. Ao lado dos aldeões horticultores, surgiram os rebanhos conduzidos por pastores. Muitas aldeias também tiveram seus rebanhos, assim como os pastores não desconheciam o plantio. Tornava-se ainda mais complexa a diferenciação das sociedades e das culturas, o que levou muitos arqueólogos a se referirem de maneira mais precisa aos diversos “neolíticos”.

Um outro importante aspecto desta complexa questão refere-se às características básicas dos novos padrões de subsistência. Em lugar de uma pretensa “revolução agrícola”, como já se imaginou, sabemos que às atividades predadoras da caça, da pesca e da coleta, somam-se os produtos da horticultura e da domesticação dos animais. Como a densidade demográfica dos grupos pré-históricos

nunca foi grande e o território onde essas múltiplas atividades se desenvolvem é extenso, cria-se uma situação que já foi denominada de “economia da abundância”. Os grupos pré-históricos que participam do processo de neolitização na vertente atlântica do continente sul-americano, são bem um exemplo disto. Apresentam características que nos levam a repensar certas explicações consagradas no passado. Quando estudamos os Tupi no litoral atlântico brasileiro e os Guarani no rio da Prata, percebemos como sub-utilizam seus recursos e como dedicam poucas horas por dia à subsistência. Os recursos alimentares das grandes áreas que percorrem, servem perfeitamente para atender às necessidades básicas de uma população proporcional ao território. Grande parte das atividades que se relacionam com a obtenção de alimentos, como a caça e a pesca, são igualmente atividades lúdicas. As noções de trabalho e de produção, que os europeus trouxeram no século XVI para a América, eram totalmente ausentes do cotidiano desses grupos horticultores. A reação contrária dos indígenas ao trabalho compulsório terminou gerando preconceitos por parte do branco. Para ele, o índio seria indolente e preguiçoso. O europeu não percebeu, ou não quis perceber, que tinha diante de si um modo de viver capaz de lhe oferecer uma lição de vida digna de ser examinada. Estes poucos exemplos nos demonstram a diversidade dos processos de neolitização em cada uma das regiões onde ele ocorreu. Nos fazem igualmente raciocinar sobre a excessiva simplificação das idéias que se tem sobre o complexo episódio histórico denominado de Neolítico.

Na América, o processo de neolitização é complexo, quando comparamos os dados que temos com aqueles do Velho Mundo. Os animais que podem ser domesticados são aqueles que vivem gregários e que se organizam como rebanhos. Na América, eles são em pequenos número, restringindo-se às lhamas, alpacas, vicunhas. Em compensação, são em grande número e diversificadas as espécies vegetais domesticadas, como vimos. O domínio das técnicas de domesticação das plantas e dos animais, assim como do polimento da pedra e da arte de fazer a cerâmica, por exemplo, não são coincidentes nem no tempo nem no espaço. Sabemos que o polimento da pedra e o processo de cocção da cerâmica já era conhecido pelas populações paleolíticas, pois na Europa muitas das estatuetas femininas da arte paleolítica evidenciam o

uso dessas técnicas. Mesmo em nosso litoral, encontramos o domínio do polimento da pedra nos sambaquis, provavelmente antes do aparecimento da cerâmica e da domesticação das plantas. A domesticação dos animais não foi conhecida pelos nossos grupos indígenas locais, antes da chegada do gado trazido pelos espanhóis e portugueses. Por outro lado, alguns de nossos grupos indígenas sul-americanos demonstraram capacidades extraordinárias de invenção e domínio técnico, igualmente importantes do ponto de vista histórico, principalmente ao domesticarem inúmeras plantas nativas. Realizaram uma inovação cultural extraordinária ao inventar, através do cruzamento de algumas gramíneas, uma planta que não existe em estado selvagem e é incapaz de se reproduzir sozinha, o milho. Esta planta é conhecida nos sítios arqueológicos andinos já desde as origens do Holoceno. A domesticação das plantas se fazia centrada na mandioca doce, ou aipim, entre os grupos tupis do Brasil tropical, e no milho entre os Guarani, instalados nos ambientes subtropicais do rio da Prata. Os conhecimentos técnicos da horticultura parecem ter sido introduzidos no oriente da bacia do rio da Prata por esses horticultores e aldeões guaranis. No mesmo momento em que isso acontecia, outros grupos permaneciam basicamente caçadores e coletores nômades no pampa, mantendo contato com os invasores, mas pouco utilizando as novas invenções disponíveis. Já os caçadores-coletores do planalto usufruíram não apenas destas inovações trazidas, mas igualmente de outras que migram pelos altos do planalto, desde o Brasil central até as encostas mais meridionais.

Sabemos hoje que estas modificações sócio-culturais que ocorreram no Holoceno médio, e que se relacionam com o processo de neolitização, devem ter sido acompanhadas dos deslocamentos de populações. Elas devem ser estudadas caso a caso, em cada um dos centros de invenção e em cada uma das áreas nas quais as novas tecnologias e as novas formas de organização sócio-econômicas se estabeleceram. É o que tentaremos fazer em relação à área oriental da região do rio da Prata. Sabemos que, aqui, as novas condições ambientais quentes e úmidas do período denominado de “Ótimo Climático” (6.000 a 4.000 A.P.) propiciaram o auge do desenvolvimento das sociedades de caçadores-coletores-pescadores. Somente após 2.000 A.P., portanto muito recentemente em relação ao conjunto do povoamento da região, grupos horti-

cultores aldeões de origem amazônica aqui se estabeleceram. Mas nessa época, outros grupos apresentaram inovações neolitizantes em sua cultura. É o caso dos caçadores-pescadores do pampa, que se apresentam como portadores de uma cerâmica muito diferente da amazônica. E também os caçadores-coletores do planalto meridional brasileiro, que parecem receber influências culturais do norte, mas de diferentes origens. Três grandes vagas de inovações neolíticas, pouco a pouco penetraram e se instalaram nessa área. Uma primeira manifestação dessas modificações culturais parece migrar pelos altos do planalto sul-brasileiro, vinda do Brasil central, através dos contatos ou das migrações dos grupos Jê. Ela vem acompanhada por uma nova tecnologia de construções de casas subterrâneas em conjuntos estabelecidos em meio às matas de pinheiro araucária, bem como de um estilo cerâmico muito específico. Outro ponto de origem parece ser a foz do rio da Prata, onde uma cerâmica tão antiga como a trazida pelos artífices guaranis, parece estar se desenvolvendo, já há algum tempo. E, finalmente, aquela que parece ser a vaga mais importante, que é a contribuição amazônica a estas inovações culturais. Se a chegada dos primeiros grupos pleistocênicos paleolíticos representou uma primeira ocupação de caçadores portadores da tecnologia da pedra lascada, as migrações holocênicas dos horticultores habitantes de aldeias representou um outro aporte importante de novas tecnologias. Por difusão cultural ou por migração étnica, terminou realizando-se uma modernização sócio-cultural nos padrões de subsistência dos grupos de caçadores-coletores-pescadores, instalados na área em estudos. Foram então especificados os novos padrões de subsistência dos grupos de horticultores que invadiam pouco a pouco a região, bem como as suas complexas relações com os dos caçadores-coletores-pescadores ainda remanescentes na região. Mais uma vez, foram relacionadas diversas variáveis: paleopaisagens, tipos de organização sócio-cultural, distribuição temporal e evidências tecnopológicas da cultura material. Não podemos ignorar, neste momento, a importância das relações existentes entre os dados da etnografia dos grupos indígenas da região e suas relações com as informações arqueológicas, para os estudos sobre os grupos de horticultores da floresta tropical ou subtropical, os caçadores-coletores-horticultores instalados nas alturas do planalto meridional brasileiro e os caçadores-pescadores ceramistas das zonas pampeanas.

Finalmente, o último momento desta análise centrou-se na penetração dos novos invasores e povoadores da bacia platina, que se instalaram a partir de frentes de expansão colonizadora, nos primórdios do período colonial. Os contingentes populacionais ibéricos foram, inicialmente, liderados pelos conquistadores, e, posteriormente pelos missionários e funcionários das monarquias ibéricas. Ocuparam espaços, fundaram cidades, absorveram algumas comunidades indígenas e aniquilaram outras. Foram sinteticamente estudados os impactos e os contatos que se estabeleceram entre os grupos indígenas remanescentes e estes novos povoadores, igualmente modernizadores, como os grupos guaranis haviam sido há 1.500 anos.

4. Conclusões e os rumos futuros das intervenções arqueológicas regionais

A definição destas várias abordagens foi estabelecida basicamente para atingir três objetivos. Primeiramente, para se obter uma boa organização cronológica e espacial, mesmo que provisória, das diversas informações disponíveis. Em segundo lugar, como única forma possível de obter-se uma reconstituição a mais verossímil possível dos modos de vida e das atividades do cotidiano, bem como captar realidades passadas já desaparecidas. E, finalmente, para demonstrar como os estudos interdisciplinares são férteis do ponto de vista científico. Eles reúnem dados e interpretações proporcionadas pelas ciências da natureza e das ciências humanas que estudam o passado, geomorfologia, paleontologia, paleobotânica, etnohistória, arqueologia e história.

Os dados obtidos nas escavações arqueológicas, nas analogias etnográficas e mesmo nas pesquisas históricas, são ainda em grande parte desconhecidos da sociedade atual. São portanto apresentados no presente estudo de maneira sintética, visando a divulgação do conhecimento.

Do ponto de vista teórico e metodológico, algumas orientações importantes caracterizam a publicação. A interdisciplinaridade permite a reconstituição de processos históricos multilineares, multicausais e com inúmeras variáveis, agindo e reagindo entre si, de maneira complexa. Apenas essas abordagens nos possibilitarão superar as visões reducionistas, baseadas em abordagens unicasais e mecanicistas. Estas evidências são sempre que pos-

sível confrontadas com as teorias e os documentos históricos disponíveis, especialmente para confirmá-los ou rejeitá-los. Sendo este um trabalho de síntese, não se pretende esgotar a bibliografia nem apresentar em detalhes todos os dados conhecidos pelas pesquisas arqueológicas ou históricas. A organização científica das diversas abordagens não dá origem a uma visão histórica “ecclética”, como muitos com certeza poderão erroneamente pensar, mas sim a uma síntese dos conhecimentos complementares obtidos nas pesquisas.

O trabalho de resgate das informações relativas aos processos de povoamento regionais é um trabalho a ser ainda desenvolvido pelas próximas gerações de arqueólogos platinos. Dever-se-á realizar prospecções em áreas ainda virgens de trabalhos de campo, bem como fazer escavações em superfícies amplas nos sítios arqueológicos conhecidos e capazes de propiciar bons resultados para as problemáticas propostas. Deveremos também aprofundar as análises, repensar as interpretações e ampliar a utilização de teorias e modelos hipotéticos testáveis para enriquecer as nossas interpretações e conclusões. Apesar da imensa tarefa que se encontra ainda diante de nós, o trabalho já realizado proporcionou uma série de novas informações capazes de nos apresentar uma visão sintética de uma história ainda em grande parte desconhecida.

Temos igualmente a necessidade de conscientizar-nos da proteção destes riquíssimos arquivos documentais que são os sítios arqueológicos, fonte imprescindível para as nossas reconstituições históricas. De maneira preconceituosa e sem a menor consciência, a nossa sociedade investe contra seu próprio passado, ao destruir de maneira irrefletida o seu patrimônio cultural e artístico, histórico ou arqueológico. Insensível e irrefletidamente, aniquilamos seus últimos vestígios e os de sua participação em nossa história. Na voragem dessa destruição incontrolável, em flagrante desrespeito às leis de proteção ambiental e patrimonial, estão rapidamente desaparecendo muitos dos sítios arqueológicos, ou seja, os arquivos do solo onde se depositaram no passado os vestígios da cultura material de nossos antepassados, tenham sido eles indígenas, negros ou brancos. Sendo um legado de todos nós, esses arquivos do solo não podem ser arrasados por alguns, de maneira irrefletida. É responsabilidade de toda a sociedade impedir esta destruição sistemática, e não apenas o vão esforço de legisladores, de alguns raros historiadores, arqueólogos e funcionários de órgãos patrimoniais.

Sínteses regionais como esta, visam a reconstituição do passado com a finalidade clara de produção deliberada e objetiva de uma memória social. Esta memória histórica assim criada, serve de ponto de referência para a compreensão de nosso presente, atuando junto à sociedade de duas distintas maneiras. Por um lado, estabelece as bases de conhecimento necessárias para a compreensão do processo diacrônico global da região em que vivemos. E em segundo lugar, nos permite um conhecimento melhor dos fundamentos e as características de nossa identidade sócio-cultural, como comunidade inserida em um duplo contexto, histórico e ambiental.

A compreensão deste extenso panorama histórico aqui sintetizado, tem a finalidade de nos fazer pensar sobre problemáticas importantes, tanto no campo das ciências humanas como de nossa história local. Torna-se necessária uma visão crítica em relação ao nosso legado histórico. É necessário conhecer as origens de nossa história e, a partir dela, desenvolvermos uma consciência crítica sobre quem somos. A nossa sociedade formou-se a partir de inúmeras migrações de variadas origens, espontâneas ou forçadas. Os indígenas vieram da Ásia, no decorrer da última glaciação, povoando pouco a pouco toda a América. Os negros saíram da África, como escravos, obrigados a uma migração forçada. Os brancos migraram em levadas sucessivas, da Europa, ao longo de todo o período colonial. É importante que a nossa sociedade atual tenha consciência deste longo processo histórico para que possamos compreender nossa inserção em sua última, relativa e transitória etapa. Dessa maneira tomaremos consciência de nossa situação existencial. Muito já se valorizou a herança dos europeus para a nossa sociedade. É tempo, agora, de respeitar e reconhecer finalmente o legado étnico de outras etnias que nos antecederam e que nos acompanham ainda atualmente. Os grupos indígenas, por sua vez, poderão tomar consciência da importância do processo histórico do qual foram protagonistas, repensando os caminhos de seu próprio destino. A resultante poderá ser, talvez, uma sociedade mais justa, coesa e solidária.

Essa história talvez faça prevalecer, finalmente, a idéia de que a construção de uma nova sociedade pode perfeitamente ser feita, sem que necessariamente se tenha de destruir o ambiente, o patrimônio cultural do passado e as outras etnias que compartilham conosco o espaço social.

KERN, A.A. Antecedentes Indígenas: problemáticas teórico-metodológicas das sínteses sobre a pré-história regional. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 8: 15-24, 1998.

KERN, A.A. Indigenous antecedents: theoretical-methodological problems in syntheses about regional pre-history. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 8: 15-24, 1998.

ABSTRACT: A synthesis of regional pre-history must be established starting from archaeological information organized in a space-time framework. Not only the data obtained from the analysis of material traces present at the sites should receive attention, but also equally the moments of transition of the paleo-sceneries and cultures should be reconstituted. Patterns of subsistence, exploration of sources of raw material, the typology of artifacts, the art symbols, the adaptive processes, integration and conflict, are some of the diverse aspects to be studied, from models which admit multiple variables and a manifold causality. The necessary conceptual rigor and superation of simplistic interpretations notwithstanding, innumerable problems of theoretical-methodological character will still be difficult to solve, as this study makes clear.

UNITERMS: Pre-historical Archaeology – Regional synthesis – Theoretical-methodological problems.

Recebido para publicação em 25 de maio de 1998.